



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA:
Geografia Cultural**

EDSON FELIPE PEREIRA DA SILVA

**A LAPINHA COMO FOLGUEDO POPULAR EM DONA INÊS/PB - UM
OLHAR GEOGRÁFICO CULTURAL**

**GUARABIRA/PB
2017**

EDSON FELIPE PEREIRA DA SILVA

**A LAPINHA COMO FOLGUEDO POPULAR EM DONA INÊS/PB - UM OLHAR
GEOGRÁFICO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo Científico) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Geografia, orientado pela Prof.^a Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário.

GUARABIRA-PB

2017

S586l Silva, Edson Felipe Pereira da
A lapinha como folguedo popular em Dona Inês/PB
[manuscrito] : um olhar geográfico cultural / Edson Felipe Pereira
da Silva. - 2017.
36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Maria Aletheia Stedile Belizário, Departamento
de Geografia".

1. Lapinha. 2. Folguedo Popular 3. Geografia Cultural. I.
Título.

21. ed. CDD 304.2

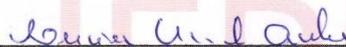
EDSON FELIPE PEREIRA DA SILVA
A LAPINHA COMO FOLGUEDO POPULAR EM DONA INÊS/PB - UM OLHAR
GEOGRÁFICO CULTURAL

BANCA EXAMINADORA

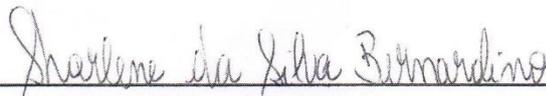
Aprovada em 19 / Maio /2017.



Prof. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário / UEPB-CH-DG
Orientadora – Mestre em Geografia pela UECE/MAG



Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda/ UEPB-CH-DG
Examinadora – Doutora em Agronomia pela UFPB



Profª. Me. Sharlene da Silva Bernardino UEPB/CH/DG
Examinadora - Mestre em Geografia pela UFPB

Aos meus pais, Maria Nilza Pereira e Feliciano Ribeiro da Silva, aos meus avós maternos, Maria Ridete Pereira de Aquino (*in memoriam*) e Manoel Pereira de Aquino (*in memoriam*) e aos meus avós paternos, Maria da Conceição de Araújo (*in memoriam*) e Luiz Ribeiro da Silva (*in memoriam*), por serem meu alicerce, meus primeiros mestres, e meu exemplo no bom caminho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pelo sopro da vida, por me permitir chegar até aqui, por ser sempre um Pai presente, amoroso e cheio de misericórdia. Por nunca desistir de mim, apesar de todas as minhas imperfeições. Por ser meu Pastor. Por conceder aos homens a ciência para o bem da humanidade e por ser o dono de toda a sabedoria.

Aos meus queridos pais, Maria Nilza Pereira e Feliciano Ribeiro da Silva, por terem sido instrumentos de Deus pra que eu viesse a existir. Por terem me educado com amor em um lar onde aprendi valores que me fizeram íntegro e diligente. Por terem trabalhado incansavelmente para que não me faltasse o necessário, sendo meus melhores amigos e grandes responsáveis por todas as minhas conquistas.

Aos meus avós, os maternos, Maria Ridete Pereira de Aquino (*in memoriam*) e Manoel Pereira de Aquino (*in memoriam*) grandes apreciadores da cultura popular, dos quais herdei o gosto, e aos paternos, Maria da Conceição de Araújo (*in memoriam*) e Luiz Ribeiro da Silva (*in memoriam*), por suas histórias de vida, por suas origens humildes, porém muito dignas e honrosas. Pelo suor da labuta diária, pelo esforço de cada um na construção de nossa família, por contribuírem para a minha formação humana, preocupando-se com meu bem estar, por seus ensinamentos e carinho.

Aos meus professores, que sempre me acompanharam nessa jornada, desde o início da vida escolar, a todos eles, de coração. Por acreditarem no meu potencial e também me fazerem acreditar, por me disciplinarem quando necessário, por instigarem o meu melhor e por facilitarem esse processo em busca do conhecimento.

Aos professores da UEPB, em especial a professora Luciene Arruda, que se destacou ao longo desses anos com seu jeito acolhedor e por me incentivar no início dessa pesquisa, bem como a minha orientadora, Maria Aletheia, que me deu o suporte necessário para a elaboração do presente trabalho, me fazendo conhecer melhor este universo apaixonante que é a Geografia Cultural.

A minha namorada, Maria Cleidijane dos Santos, que esteve ao meu lado, contribuindo com palavras revigorantes, pela compreensão em meio as minhas ausências em decorrência dos compromissos, inclusive estudantis, pela luz que

sempre enxerga em meio a escuridão, por todo o cuidado, pela pessoa fascinante que tem sido.

Aos colegas de turma e conterrâneos, Isaias Silva dos Santos e Adailma Cristina de Oliveira Guedes, que se tornaram amigos do peito, por embarcarem comigo nessa aventura que foi a vida universitária, enfrentando os mesmos desafios de trabalhar durante o dia e estudar à noite, abrindo mão muitas vezes de seus fins de semana para que pudéssemos realizar as atividades em minha casa. Pelas horas de viagem até chegarmos à Universidade, pela companhia nas aulas de campo, pela cumplicidade e companheirismo, pelos momentos difíceis que juntos enfrentamos, pelos de prazer, e pela alegria dessa vitória que juntos alcançamos.

Aos demais familiares e amigos, em especial as minhas tias, Maria Nilzete Pereira e Maria Nilma Pereira Borges, aos meus irmãos, Elâine Cristina Pereira da Silva e Pedro Éverton Pereira da Silva, a minha prima, Lindalva Silva de Araújo e aos amigos, Pe. José Floren e Raimunda Augusto, pelo apoio, pelo incentivo com palavras e ações, pela torcida, pensamentos positivos e orações.

A todos os que colaboraram, de forma direta ou indireta, para que este sonho fosse possível, minha gratidão.

Um povo sem conhecimento, saliência de seu passado histórico, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.

Bob Marley

043 - CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

(TÍTULO): A LAPINHA COMO FOLGUEDO POPULAR EM DONA INÊS/PB - UM OLHAR GEOGRÁFICO CULTURAL

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural

(AUTOR): EDSON FELIPE PEREIRA DA SILVA

(ORIENTADOR): Prof^a. Ma. Maria Aletheia Stédile Belizário UEPB-CH-DG

(Examinadores): Prof^a. Dra. Luciene Vieira de Arruda UEPB-CH-DG

Prof^a. Ma. Sharlene da Silva Bernardino UEPB/CH/DG

RESUMO

O fenômeno cultural aporta como um forte agente modificador do espaço. Nessa perspectiva, a cultura de um grupo representa sua identidade gerando marcas que serão impressas na paisagem e perpetuadas por gerações. Seguindo a linha da fenomenologia, o trabalho a seguir fará uma análise do Folguedo Popular denominado Lapinha, a partir de um olhar geográfico cultural, considerando-a como manifestação presente no cenário cultural do Município de Dona Inês/PB, sendo parte integrante da história de seu povo, tendo em vista o elo existente entre o sujeito e o ambiente em que vive, construída no espaço social. A área da pesquisa está localizada na Mesorregião do Agreste paraibano, mais especificamente na Microrregião do Curimataú Oriental, possui uma extensão territorial de 166,170 km², sendo de 10.419 o número estimado de habitantes em 2016. Dando importância às relações culturais do lugar, o intuito da pesquisa é fomentar meios de facilitar a ampliação, divulgação dessa cultura, e por consequência, o fortalecimento da identidade local. A bibliografia pertinente ao tema envolve autores como HAESBAERT (1999), CORRÊA; ROSENDAHL (1999, 2001, 2007), CLAVAL (2007), BEZERRA; LEMOS (2013), SOUZA (2015), entre outros. A metodologia estará centrada na observação participante, bem como na aplicação de entrevistas estruturadas. Desse modo, partiremos das experiências dos próprios moradores, por meio de seus relatos, análises e interpretações, bem como, das vivências do próprio autor que, desde a infância, teve contato direto com a Lapinha, tendo sua família uma ligação muito forte com o folguedo, ainda, por sua experiência de trabalho no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), que o oportunizou à idealização do resgate dessa cultura durante três anos, igualmente, pelo anseio de se encontrar meios de facilitar a conservação dessa cultura para a posteridade. Assim, consideraremos o espaço como lugar das relações culturais e da identidade territorial e discutiremos as origens e fundamentos da Lapinha. Apresentaremos os resultados e discussões que nos darão conhecimento sobre a propagação dessa cultura, o seu lugar nas sagradas e festivas noites de Natal vividas em tempos passados, a dinâmica da Lapinha, suas curiosidades e particularidades, mostraremos a experiência de resgate realizada com os usuários do SCFV por meio de um trabalho social, e refletiremos o tripé: Conhecer, valorizar e preservar a cultura. Desse modo, constataremos a necessidade de um projeto onde se efetive o resgate de um patrimônio imaterial tão relevante.

Palavras-chave: Lapinha. Folguedo Popular. Geografia Cultural.

LISTAS

Lista de Figuras

Figura 01 - Localização geográfica do Município de Dona Inês/PB.....	12
Figura 02 - Presépio: Representação da cena da natividade de Cristo.....	15
Figura 03 - Apresentação da Lapinha na Igreja Mãe – Dona Inês/PB.....	19
Figura 04 - Organização dos personagens da Lapinha por cordões.....	22
Figura 05 - Abertura do Espetáculo da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	24
Figura 06 - Momento de canções voltadas ao Natal. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.....	25
Figura 07 - Entrada da Borboleta da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	25
Figura 08 - Entrada da Cigana da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	26
Figura 09 - Subida do Cordão Encarnado da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	26
Figura 10 - Subida do Cordão Azul da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	26
Figura 11 – Prisão da Contramestra pela Camponesa. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.....	27
Figura 12 - Libertação da Contramestra pelo Pastor. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião– Dona Inês/PB.....	27
Figura 13 - Oferecimento dos ramalhetes da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	28
Figura 14 - Oferecimento dos ramalhetes da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	28
Figura 15 - Despedida das pastorinhas. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.....	28
Figura 16 - Anuncio do cordão vencedor da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	28
Figura 17 - Cortejo da Lapinha pelas ruas de Dona Inês/PB	29

Lista de Siglas

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Lista de Anexos

Anexo 01 - Entrevista estruturada.....	35
Anexo 02 - Apresentação das pastorinhas da Lapinha. Igreja Mãe – Dona Inês/PB.....	36
Anexo 03 - População aguardando o início da apresentação da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.....	36
Anexo 04 - Algumas personagens da Lapinha.....	36
Anexo 05 - Componentes da Lapinha do SCFV – Dona Inês/PB.....	36
Anexo 06 - Grupo musical do SCFV, musicalizando o Espetáculo da Lapinha.....	36
Anexo 07 - Oficineiro do SCFV apresentando o histórico da Lapinha.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DA PESQUISA	11
2 REVISÃO DA LITERATURA	12
2.1 ESPAÇO: <i>LOCUS</i> DAS RELAÇÕES CULTURAIS E DA IDENTIDADE TERRITORIAL.....	12
2.2 LAPINHA: ORIGENS E FUNDAMENTOS.....	13
2.3 A PROPAGAÇÃO DA LAPINHA.....	15
3 METODOLOGIA	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1 AS SAGRADAS E FESTIVAS NOITES DE NATAL.....	18
4.2 LAPINHA: DINÂMICA DAS APRESENTAÇÕES, CURIOSIDADES E PARTICULARIDADES.....	21
4.3 LAPINHA DO SCFV: TRABALHO SOCIAL E RESGATE CULTURAL.....	28
4.4 CULTURA: CONHECER, VALORIZAR E PRESERVAR.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a cultura é a identidade de um grupo, sendo resultado do trabalho, das crenças e da convivência dos povos em um determinado lugar, é a herança transmitida de uma geração a outra Claval (2007). Trata-se então de uma grande riqueza, parte integrante do processo natural de vida da própria espécie humana, tendo no espaço social seu lugar de produção.

A Lapinha, um folguedo popular, teve sua origem na Europa a partir da criação do presépio, elaborado, de início, com objetivo catequético de representar o acontecimento do nascimento de Jesus Cristo. Com o tempo a cena estática foi implementada por meio de autos, que dariam espaço para várias formas de manifestações artísticas.

Observa-se que a Lapinha é um exemplo dessa herança, transmitida pelas gerações passadas. Trata-se de um folguedo natalino, uma junção de dramatizações, cânticos e danças em louvor ao Menino Jesus, se referindo à narração bíblica do nascimento de Cristo, faz a representação de seus personagens indo à Belém ver o Salvador recém-nascido.

Dado seu surgimento no continente Europeu, a Lapinha foi, certamente, conservada e propagada ao longo do tempo, passando para as posteridades, chegando até outros povos. É provável que, de acordo com a época e o lugar, essa cultura tenha sofrido algumas mudanças significativas, fazendo-a rica de particularidades em cada região.

Bezerra; Lemos (2013), afirmam que há um registro importante constatando que, em 1583, um padre chamado Cristóvão de Gouveia visitou a Aldeia Abrantes no Estado do Espírito Santo e, na oportunidade, representou um auto de Natal.

No Nordeste brasileiro, de forma particular, a Lapinha ganhou destaque, juntamente com os demais gêneros como o Pastoril e foi bastante difundida nessa região, em tempos passados. Para sua realização reunia-se toda a comunidade, por se tratar de uma ocasião especial, um dia festivo. Observa-se nesse contexto a existência de um elo afetivo entre o sujeito e o ambiente em que vive.

Em dado momento (acredita-se que por volta de 1950), essa cultura chegou à pacata Vila “Serra de Dona Inês”, conquistando os moradores da cidade e do campo, mudando a rotina de vida da população, conferindo novos significados a antigas práticas, acrescentando mais alegria ao já comemorado período natalino.

Sabendo que a cultura é um bem valioso, um patrimônio do povo, devemos refletir a importância de seu conhecimento, valorização e preservação. No entanto, assistimos ao esquecimento de antigos festejos populares, antes tão comuns em nossas pacatas cidades. Essa situação também se configura com relação à Lapinha em Dona Inês.

Objetivamos com o presente trabalho analisar o folgado popular denominado Lapinha, no Município de Dona Inês/PB, a partir de um olhar geográfico, refletindo a importância das relações culturais do lugar, para encontrar meios de fortalecer identidade local. Desse modo, partiremos das experiências dos próprios moradores, por meio de seus relatos, análises e interpretações.

Como afirma Claval (2007, p. 108): “Há uma geografia do próprio homem: ela resulta da cultura que lhe foi transmitida bem mais do que de sua herança biológica”. A Geografia é uma ciência que estuda, dentre outros fatores, a relação entre o homem e sua cultura. O fator cultural influencia diretamente na vida dos seres, assim, os produtos e normas culturais e suas variações através dos espaços e dos lugares interessam ao conhecimento geográfico.

A escolha do tema deu-se pela necessidade de mostrar a riqueza que é a Lapinha no cenário cultural do Município de Dona Inês/PB, bem como pelas experiências vivenciadas pelo autor, desde a infância, tendo sua família uma ligação muito forte com o folgado, ainda, por sua prática de trabalho que o oportunizou à idealização e execução do resgate dessa cultura durante três anos, e ainda, pelo anseio de se encontrar meios de facilitar a conservação dessa cultura.

Diante do exposto, surgem algumas indagações referentes à origem, à difusão, ao significado dessa manifestação popular, ao seu surgimento na Cidade de Dona Inês/PB, sobre a dinâmica das apresentações e particularidades do passado e do presente, sobre a forma que aconteceu seu resgate nos anos anteriores e por fim, de como se pensar meios de garantirmos sua transmissão às novas gerações.

Procuramos contribuir para o início da discussão destas e de outras questões no desenvolver do presente trabalho. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico as investigações de alguns autores, tais como: Haesbeart (1999); Corrêa e Rosendahl (1999), (2001), (2007); Claval (2007); Bezerra; Lemos (2013); Souza (2015); dentre outros estudiosos.

1.1 Localização geográfica da área da pesquisa

A Cidade de Dona Inês está localizada na Mesorregião do Agreste paraibano, mais especificamente, na Microrregião do Curimataú Oriental, compondo o Bioma da Caatinga. De acordo com o IBGE (2016), o Município conta com uma extensão territorial de 166,170 km², sendo de 10.419 o número estimado de habitantes, com uma densidade demográfica de 63,29 (hab/km²) IBGE (2010). Com base no *Site* Geógrafos.com.br, Dona Inês possui uma latitude de 06° 36' 12" S, sendo a longitude 35° 17' 30" W. Faz limite ao norte com a Cidade de Campo de Santana/PB; ao sul com Bananeiras/PB e Solânea/PB; a oeste com Araruna/PB, Cacimba de Dentro/PB e Riachão/PB; e a leste com Belém/PB, (figura 1).

Figura 1 – Localização geográfica do Município de Dona Inês/PB



Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 30/04/2017.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Espaço: *Locus* das relações culturais e da identidade territorial

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2007), a cultura configura-se como o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, vista como parte do cotidiano, produzida por meio das relações sociais. Sabemos que tais relações se dão em uma determinada porção do espaço. Para compreendermos melhor esse processo, é

imprescindível que se reflita acerca da ideia de espaço dentro do contexto social, segundo SOUZA:

Assim como o espaço geográfico, em uma primeira aproximação, corresponde à superfície terrestre, o espaço social, aqui, corresponde, também em uma primeira aproximação, e que igualmente precisará ser completada, à superfície terrestre apropriada, transformada e produzida pela sociedade. (SOUZA, 2015, p. 22).

O espaço dá suporte para as relações de vivências, de trocas de experiências e assim de propagação de costumes e valores, é em seu interior que estas situações são promovidas. Todo esse sistema viabiliza inicialmente a formação de grupos que possuem entre si atributos comuns dentro de uma sociedade, conseqüentemente, acontece a classificação de áreas geográficas:

Em outras palavras, o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam. (WAGNER; MIKESELL, 2007, p. 28).

Vivendo em sociedade e associando as mesmas práticas, o indivíduo cria uma identidade, sente-se parte integrante do território em que vive, estabelece ligações, isto implica a existência de uma relação de semelhança ou de igualdade, (HAESBAERT 1999). O homem enquanto ser pensante, apropria-se do espaço, cria vínculos, desenvolve o sentimento de pertença e compartilha seus hábitos. Sobre a ideia de identidade territorial, nos diz ainda Haesbaert:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Desse modo, analisamos que a ideia de espaço social está intimamente ligada a de identidade social. O espaço que é transformado pela sociedade, é palco de diversas realidades que dão origem à divisão espacial, à formação dos grupos sociais, às vivências e ao reconhecimento como parte de um povo que tem suas subjetividades, dando assim melhor aplicabilidade ao termo identidade.

2.2 Lapinha: Origens e fundamentos

O Dicionário Online de Português (2015) traz o significado da palavra Lapinha: “Uma espécie de representação popular”. Segundo reza a tradição, é denominada assim por conta do lugar onde Jesus Cristo nasceu (lapa ou gruta), mais especificamente, em Belém, cidade palestina, localizada na parte central da Cisjordânia. A respeito desse acontecimento, nos diz o Evangelho de Lucas: “Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa.” (BÍBLIA, Lucas 2, 6-7).

Bezerra; Lemos (2013, p. 64) diz que em 1223, São Francisco de Assis recebeu consentimento do Papa para representar, artisticamente, a cena do nascimento de Cristo. Com essa representação São Francisco tinha o intuito de comemorar o nascimento de Jesus, criou então uma gruta com animais e imagens da Virgem Maria e do Menino Jesus, sendo essa a primeira vez que a cena sagrada foi representada. Dentro dessa gruta, ele celebrou uma Missa, estando presentes frades e camponeses da localidade.

Contudo, mesmo criado o presépio (figura 02), de início, com um objetivo catequético, era preciso algo que se aproximasse mais da realidade, essa dramatização do episódio do nascimento de Jesus, serviu para que as pessoas pudessem entender de forma mais didática o que ocorreu em Belém. “A cena que era parada, apenas representada pelo presépio ganhou vida, movimentos e canções, com a utilização de instrumentos musicais.” (BEZERRA; LEMOS 2013, p. 64).

A Lapinha, enquanto manifestação cultural, é um folguedo natalino, uma junção de dramatizações, cânticos, danças e louvores ao Menino Jesus. Esse folguedo representa a jornada de seus personagens indo a Belém ver o Salvador.

A lapinha, ou como é denominada popularmente, pastoril, pastorinhas, bailes pastoris, era representada em autos diante do presépio. Essas são as denominações dadas no Brasil às festas que comemoram o nascimento de Jesus, em louvor a Ele e à sua família. (BEZERRA e LEMOS, 2013, p. 64).

Figura 02: Presépio: Representação da cena da natividade de Cristo.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2016.

O início dessa representação deu-se provavelmente na Europa, continente onde o Cristianismo é a religião predominante, sendo ligada ao teatro religioso de países como Espanha e Portugal. Bezerra; Lemos (2013, p. 64), afirmam ainda que a origem dos autos populares natalinos se deram no século IX, no período da Idade Média, na Abadia de São Galo, na Alemanha, onde nasceu e espalhou-se, tendo a iniciativa do Monge Tuitilo.

No Brasil, foi trazido pelo teatro dos padres da Companhia de Jesus, tendo o aparecimento do presépio, que se deu por volta do século 15 (RIBEIRO, 1993), no convento dos Franciscanos, em Olinda, tendo como precursor frei Gaspar de Santo Antônio. Já a referência a pastoris é creditada a Fernam Cardim, que escreve sobre as origens do pastoril brasileiro [...]. (BEZERRA; LEMOS, 2013, p. 65).

Os autores citados nos revelam que a Lapinha chegou ao Brasil por meio dos padres Jesuítas, na época da colonização, os quais utilizavam diversos instrumentos para a catequização dos povos, inclusive a arte dramática. Ainda de acordo com os autores, Fernam Cardim, que foi um Missionário Jesuíta e escritor português é quem faz os primeiros escritos com relação às raízes dessa cultura em nosso território.

2.3 A propagação da Lapinha

As tradições de um povo são preciosas heranças de um passado longínquo. É próprio do homem reproduzir seus costumes, repassá-los aos seus descendentes, propagá-los. De acordo Wagner; Mikesell (2007), tanto por evolução interna quanto por difusão, a cultura cresce e se dispersa. Sobre a disseminação da cultura tendo em vista o fenômeno da migração, nos diz o mesmo autor:

“Uma cultura passa a se difundir quando os que a compartilham se deslocam, ou quando sua correspondente esfera de comunicação, e os símbolos aí incluídos, prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios.” (WAGNER; MIKESSELL, 2007, p. 29).

Esse contexto, encaixa-se perfeitamente bem ao analisarmos o processo de colonização sofrido pelo Brasil. A cultura dos portugueses foi trazida, repassada e até imposta aos povos que habitavam as terras brasileiras. Segundo Haespaert (1999, p. 184): “[...] determinados grupos culturais migrantes podem não apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi-la nas áreas para onde se dirigem”. A tradição das dramatizações natalinas deslocadas ao Brasil pelos religiosos portugueses, certamente foi propagada, perpassando as gerações no decorrer dos anos.

Como afirma Claval (2007, p. 65): “A cultura é herança transmitida de uma geração a outra”. No Nordeste brasileiro, a Lapinha e os demais gêneros foram bastante difundidos no passado, tendo ganhado o gosto da população, era comum sua presença nas cidades da região, inclusive nas áreas interioranas.

No Brasil, o trabalho religioso que era realizado pelos jesuítas e a imigração foram os responsáveis pela difusão da Lapinha, incorporado ao catolicismo popular, tornou-se parte das canções religiosas devocionais, sendo identificados como tradição natalina. Sabemos que o ciclo de Natal é um dos principais períodos das festividades do catolicismo brasileiro. (BEZERRA, 2013, p. 27).

Em dado momento, a Lapinha chegou à pacata Vila denominada “Serra de Dona Inês”, na Microrregião do Curimataú Oriental, anteriormente, pertencente à Comarca de Bananeiras/PB, na Microrregião do Brejo Paraibano. Essa Comarca era considerada uma das mais desenvolvidas da região e já havia inserido as apresentações de Lapinha aos costumes. Desde o início, a Lapinha foi muito apreciada pela população urbana e rural, intimamente ligada à Igreja Católica, tornando-se um verdadeiro marco do Natal na Cidade de Dona Inês/PB.

“Eu brinquei Lapinha na minha adolescência e depois ensinei durante muitos anos aqui em Dona Inês, eu preparava a turma pra brincar Lapinha ensaiando na Igreja. A Lapinha chegou à nossa Cidade através de Dona Otília, que era esposa do Sargento Gil, eles se mudaram para cá, aí ela reunia as crianças e as mocinhas da época e nos ensinava, se não me engano ela era de Jacaraú. Sempre preparei a Lapinha com muito prazer e alegria, para mim é algo muito lindo porque sempre gostei das coisas ligadas ao folclore! [...]” (Maria Borges da Silva, 78 anos)

As dramatizações, danças e cantorias inerentes à manifestação trazida por Dona Otília, vinda provavelmente da Cidade de Jacaraú/PB, como revela o relato da senhora Maria Borges da Silva, uma grande responsável pelo ensino e propagação dessa tradição, mexeram com o coração do povo da pequena Vila. Tendo grande aceitação, desde então, tornou-se costume a realização da Lapinha na cidade. Geralmente a apresentação se dava na noite anterior a do Natal e era motivo de muita festa para a comunidade que participava ativamente da brincadeira, como era costume chamar.

3 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos supracitados, esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, seguindo a linha da fenomenologia, que não concorda com a separação entre o sujeito produtor de conhecimento e o objeto, Carvalho (2000). Neste contexto, o conhecimento é resultado daquilo que o sujeito analisa em sua subjetividade, e os fatos se constituem a partir dos sentidos conferidos a eles pela consciência.

A pesquisa bibliográfica foi um dos procedimentos técnicos que foram utilizados em nosso trabalho, como base de fundamentação teórica. Consideramos as opiniões de alguns autores que desenvolvem a questão em discussão e/ou assuntos interligados com a temática em suas investigações, dos quais podemos citar: HAESBAERT (1999), CORRÊA; ROSENDAHL (1999, 2001, 2007), CLAVAL (2007), BEZERRA; LEMOS (2013), SOUZA (2015), entre outros.

A metodologia estará centrada também na observação participante, bem como na aplicação de entrevistas estruturadas, reunindo relatos de pessoas que vivenciaram essa manifestação (propagadores, brincantes de gerações passadas e brincantes que vêm resgatando tal cultura nos últimos anos). Desse modo,

partiremos das experiências dos próprios moradores, por meio de seus relatos, análises e interpretações, bem como, das vivências do próprio autor.

Recolhemos ainda registros fotográficos, de pessoas da comunidade, bem como de instituições públicas. Tais fotografias expressam o passado e o presente dessa manifestação, sendo documentos que nos permitem um olhar mais realístico do tema abordado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 As sagradas e festivas noites de Natal

Para melhor compreensão do sentido da Lapinha, é preciso voltarmos um pouco no tempo, faz-se necessário lembrar o contexto de vida de outrora, para assim entendermos o lugar da Lapinha nas sagradas e festivas noites de Natal. Segundo Claval (2007, p. 133) “[...] importantes [...] são as festas que marcam os tempos da vida coletiva, religiosa ou cívica”.

O Natal sempre foi uma festa muito comemorada pelos cristãos, por fazer memória ao nascimento de Cristo. Com os moradores da pequena Dona Inês não era diferente, lugar em que a data era ansiosamente esperada durante todo o ano, época em que as famílias da localidade se reuniam e comungavam de costumes comuns. Sobre o disposto, escreve ainda Claval (2007 p. 118): “A isto se acrescenta um vivo sentimento do lugar, do território comunitário como patrimônio comum [...]”.
(figura 03)

Figura 03: Apresentação da Lapinha na Igreja Mãe – Dona Inês/PB.



Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren, década de 1970.

Antes da Missa de Natal havia a tão esperada apresentação da Lapinha, que se dava em diferentes localidades dependendo do ano, em pavilhões, montados pelos próprios moradores, nas residências das famílias, mas em sua maioria em frente a primeira Igreja da Cidade, popularmente chamada de Igreja Mãe que faz jus ao título, por conter o registro mais antigo da Cidade em sua fachada, 1852, justamente a data da conclusão de sua construção. É no entorno da pequena Igreja e do cruzeiro que a Vila vai sendo formada, porque “O sagrado se constitui como elemento estruturante e estruturado da sociedade.” (GIL FILHO; GIL, 2001, p. 40).

Podemos perceber como as pessoas tinham interesse e boa vontade de receber em suas casas a Lapinha. Enfeitavam, faziam banquetes, chamavam os amigos, tudo isso para prestigiar o folguedo. Todos participavam ajudando da maneira que podiam, ou na confecção de objetos ou vestimentas das pastoras ou nos ensaios. Era realmente um espetáculo culturalmente cultuado pelo povo. (BEZERRA, 2013, p. 34).

Por ser algo esperado durante o ano inteiro as pessoas do campo e da cidade tinham uma certa curiosidade para assistirem e mais ainda, tinham prazer em terem seus filhos participando. Sem falar da satisfação em torcer pelo cordão de preferência, azul ou encarnado (era assim que chamava-se o cordão de cor vermelha), gosto muitas vezes herdado da família. O curioso é que a escolha do cordão para se torcer se dava muitas vezes por questões partidárias, já que no passado o azul e o vermelho eram também as cores dos partidos políticos da Cidade.

A fachada da Igrejinha em frente a qual ocorriam as apresentações da Lapinha, era toda ornamentada com palhas de coco, decoradas com laços nas cores dos cordões azul e encarnado, uma multidão de pessoas da zona urbana e da zona rural acompanhava atentamente o longo espetáculo, observando, meditando as cantigas, como também dando ofertas e vibrando com o cordão de preferência. Desse modo, o público tinha participação ativa nas apresentações. Era uma festa maravilhosa, vivenciada com muita alegria e animação. Como afirma Rosendahl (1999, p. 236): “A festa religiosa é a mescla de elementos da Igreja Católica e as tradições populares da cultura local.”

Outro momento muito esperado da festividade que se preserva até os dias atuais é a Missa de Natal. A Missa de Natal sempre foi um culto bem participativo, no qual compareciam além dos moradores da zona urbana, os da zona rural. Nessa celebração, como nos dias atuais, comemorava-se justamente a natividade de Jesus, por meio de canções, pregações e leituras bíblicas. Nesta Celebração relembra-se desde as profecias do Antigo Testamento, até o nascimento de Jesus em Belém, narrado pelo Novo Testamento da Bíblia Sagrada.

Após a Missa, muitas famílias visitavam as barracas nos arredores da Igreja para comprarem “bolachinha” que é uma espécie de pão doce contendo ervas dentre seus ingredientes, em algumas localidades é conhecido como “pão de festa”, o fato é que ainda hoje a população consome o dito pão, principalmente em datas tidas como especiais, tornando seu consumo uma espécie de tradição.

De acordo com (PRADO, 1977, apud MAIA, 2001, p. 182): “Este processo, ainda segundo um foco bastante objetivo, traduz muitas vezes a principal temporada que os emigrantes escolhem para fazer turismo no lugar de origem.” Faz-se necessário refletir que em Dona Inês há basicamente três períodos do ano em que se torna maior o fluxo de visitantes, são geralmente filhos da terra, que em sua maioria residem, trabalham e constroem famílias em outras cidades, a exemplo de São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, da Capital João Pessoa/PB e tantas outras.

Os visitantes aproveitam os períodos de festa para reencontrarem seus parentes. Os meses escolhidos são justamente: Janeiro, devido às festividades dos Padroeiros, Santa Inês e São Sebastião; Junho, por ser o mês das comemorações juninas, que são um marco em todo Nordeste; e, por fim, Dezembro, por ocasião do Natal.

Muitos dos que retornam à comunidade de origem, desejam ver a Lapinha, até hoje sentem essa necessidade, lembram dos antigos natais com afetividade e saudade. Para eles, esses períodos são carregados de significados, de lembranças do seu povo, que compõem sua própria história de vida: “A emoção está na festa, ou melhor, no mundo festivo que, sobrecarregado afetivamente, encanta já e muito mais, à medida que o migrante se desloca, fazendo do deslocar-se emocionado um ritual de passagem em sentido pleno [...]” (MAIA, 2001, p. 184).

4.2 Lapinha: Dinâmica das apresentações, curiosidades e particularidades

Sabemos que a Lapinha é um espetáculo popular natalino que envolve danças, dramatizações, cantos e louvores ao Menino Jesus e representa as Pastorinhas e o Pastor indo a Belém ver o recém-nascido. É apresentada no Natal, justamente para comemorar o nascimento do Filho de Deus, Jesus Cristo. Sobre o disposto, escreve Brito (2004):

A finalidade da lapinha é de render louvores ao Menino Jesus pelo seu nascimento. O folguedo é marcado pela disputa entre dois cordões da lapinha, onde seus torcedores fazem lances em dinheiro com o objetivo de dar a vitória ao cordão. A Mestra comanda o cordão encarnado e a Contramestra comanda o azul. (BRITO, 2004, p. 28).

Para entendermos melhor a tradição da Lapinha, precisamos conhecer sua organização, a mesma divide-se em dois cordões de cores distintas: o Encarnado (simbolizando o Coração de Jesus), composto pelos seguintes personagens: Linda Estrela, Linda Mestra, Camponesa e Linda Rosa e o Azul (simbolizando o Coração de Maria), composto pelo Lindo Anjo, Contra Mestra, Libertina e Lindo Cravo e ainda, o cordão central, composto pela Borboleta e Pastor do Cordão Azul, Sempre Viva do Cordão Encarnado e Cigana a única de ambos cordões. Ainda de acordo com o autor supracitado:

Formado por um grupo de garotas, a lapinha apresenta-se em forma de jornadas constituídas de cantos obrigatórios e tradicionais trazidos pelos colonizadores portugueses, conduzindo maracás enfeitados com fitas azuis e encarnadas, cores estas que designam os dois cordões (ou partidos) da lapinha. (BRITO, 2004, p. 27).

A tabela a seguir mostra a formação da Lapinha, os personagens e seus respectivos cordões:

Figura 04: Organização dos personagens da Lapinha por cordões.

Organização dos Personagens da Lapinha por Cordões:		
Cordão Encarnado:	Cordão Intermediário:	Cordão Azul:
Linda Estrela	Pastor (Azul)	Lindo Anjo
Linda Mestreira	Borboleta (Azul)	Contra Mestreira
Camponesa	Sempre Viva (Encarnado)	Libertina
Linda Rosa	Cigana (Encarnado e Azul)	Lindo Cravo

Fonte: Elaborada pelo autor, 2017.

Alguns dos personagens presentes na Lapinha fazem referência aos Evangelhos, a exemplo da figura do Anjo que, segundo as escrituras bíblicas, visitou a Virgem Maria, anunciou o nascimento de Cristo aos pastores, e cantou glórias nos céus na noite venturosa do nascimento de Jesus. O Pastor, simbolizando os que ouvindo os anjos visitam o Menino Jesus, e ainda a Estrela, que guiou os Reis do Oriente até Belém com a mesma finalidade. A respeito destes acontecimentos, narra o Evangelho de Lucas:

Mas o anjo disse aos pastores: “Não tenham medo! Eu anuncio para vocês a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo: hoje na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor. Isto lhes servirá de sinal: vocês encontrarão um recém-nascido envolto em faixas e deitado na manjedoura”. (BÍBLIA, Lucas 2, 10-12).

Uma observação importante é que, com o tempo, o folguedo foi sofrendo influências em cada região, tendo cada lugar seu jeito próprio de apresentá-lo. Difere-se dependendo da localidade: Personagens e seus cordões, músicas, figurinos, adereços, dentre outras peculiaridades. Bezerra; Lemos (2013, p. 66) confirmam que: “Ao longo dos tempos, a Lapinha, por meio de sua divulgação no Nordeste do Brasil, passou por algumas adaptações em relação às apresentações.”

A Lapinha difere do Pastoril, outro gênero bastante popular, por ter caráter mais religioso, enquanto o Pastoril é mais profano. Alguns pastoris são muito ligados ao gênero cômico, outros ainda têm danças exibidas, vestes curtas e músicas com duplo sentido, principalmente na atualidade. A Lapinha presente em Dona Inês/PB é

extremamente religiosa, isto observa-se desde as cantorias e coreografias modestas, até as vestes comportadas.

O espetáculo da Lapinha geralmente é extenso, durando entre uma e duas horas, dependendo da empolgação dos partidários em fazerem doações, isso porque existe na brincadeira uma espécie de disputa entre os dois cordões, o que envolve os partidários ou torcedores, o cordão que mais arrecada dinheiro, no final, torna-se vencedor.

Outra curiosidade é a presença direta de apenas uma figura masculina na apresentação: o Pastor, acontecendo, por vezes, deste papel ser ocupado por uma pessoa do sexo feminino, pela ausência de rapazes interessados em participar.

Como as canções são geralmente ao vivo, alguns instrumentos são utilizados, dentre eles: Atabaque, violão, sanfona, chocalho, pandeiro, pandeirola, ganzá, instrumentos feitos pela própria comunidade, dentre outros, variando de acordo com o hábito de cada lugar.

Podemos destacar alguns momentos importantes nas apresentações, trazendo trechos das canções cantadas durante o espetáculo da Lapinha em Dona Inês/PB, algumas foram memorizadas pelo autor desde a infância, devido a ligação de sua família com o folguedo e suas vivências que o oportunizaram o contato direto com essa manifestação, outras foram resultados de pesquisas junto à comunidade.

A abertura, como nos mostra a figura 5, é uma apresentação individual dos personagens com cânticos, um a um intercalando-se, um personagem do Cordão Azul e um do Cordão Encarnado¹, vão entrando e dando formação as filas:

Boa noite a todos
a minha chegada, (...)
Sou (nome do personagem)
bravo à minha entrada (...).

Cordão Azul – “Estrela do Norte,
Cruzeiro do Sul,
bravo a quem deu viva
ao Cordão Azul (...).

Cordão Encarnado – Estrela do Norte,
Cruzeiro dourado,
bravo a quem deu viva
ao Cordão Encarnado (...).

¹ Termo utilizado para se referir à cor vermelha.

Figura 05: Abertura do Espetáculo da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação de Dona Inês/PB, 2013.

Na figura 6 as canções diversas são voltadas ao Natal, elas expressam a essência sagrada do Folgado e anunciam o sentido da comemoração que é justamente o nascimento de Jesus:

Hoje é noite de Natal,
noite de tanta alegria,
viemos festejar,
a Jesus e a Maria.

Óh, meu Deus que certeza,
as estrelas no céu brilham,
meia noite deu sinal,
rompe a aurora, a primavera,
hoje é noite de Natal, de Natal! (...).

Alvíssaras, alvíssaras, pastoras,
que Jesus nasceu! (...),
entre palhinhas
ele adormeceu (...)."

Pastor – Que menino é esse pastoras?"
Pastoras – É o Salvador, é o Messias, nosso Redentor!.

No momento da entrada da Borboleta, como nos mostra a figura 7, a mesma exibe charme e simpatia, cantando e dançando, simbolizando a natureza que também está em festa pelo nascimento de Jesus. Recebe o convite das pastorinhas:

Borboleta bonitinha

venha para o rosal,
venha ver cantar o hino,
hoje é noite de Natal (...).

Borboleta – Boa noite meus senhores,
boa noite aqui estou eu,
eu não sou mal ensinada,
ensino o papai me deu (...).

Eu sou uma borboleta
pequenina e bem faceira,
ando no meio das flores
procurando quem me queira (...).

Figura 06: Momento de canções voltadas ao Natal. Lapinha como apresentação cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação de Dona Inês/PB, 2015.

Figura 07: Entrada da Borboleta da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, 2013.

Nas figuras 8, 9 e 10 o destaque é para a entrada da Cigana e a subida dos cordões Azul e Encantado. No início, a Cigana, figura “pagã” é convidada pelas pastoras a também visitar o Menino Jesus:

Vem Cigana do Egito,
vem de longe pra Belém,
para ver se é nascido
Jesus para o nosso bem (...).

Ai, ai, ai, ai, ai, ai que dor, que tristeza,
de ver o Menino nascer na pobreza.
Hô lelê, lelê vitória,
cantamos a glória! (...).

Se tu és cigana,
feliz ou não,
queremos ler as nossas mãos (...).

Cigana – Tu és a Linda Mestre do lindo Cordão Encarnado,
o teu brilho resplandece,
como o cruzeiro dourado!.

Na subida dos cordões, o público faz doações em dinheiro ao cordão de sua preferência. Existe ao lado direito e esquerdo do palco um pendão, contendo uma bandeira da cor do partido (azul e encarnado), a qual é elevada de acordo com as doações, ou seja, o cordão que arrecada mais, permanece com sua bandeira hasteada, até que haja uma revanche. Dessa forma, este é também momento de disputa entre os cordões:

Vejam, vejam meus senhores,
Cordão Azul a dançar,
vejam que linda oferta
(nome da pessoa que ofertou) vem nos dá.

Recebemos essa oferta
de bom coração, (...)
se ele (a) não viesse aqui
não subia o meu cordão, (...).

Cadê os partidários do cordão encarnado? (...).
Encontrei o encarnado indo a pé pra capital,
vou levar pra o encarnado um centavo de real,
porque o encarnado só tem é pabulagem
e muito choro e muito orgulho e no fim não vale nada (...).

Figura 08: Entrada da Cigana da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, 2013.

Figura 09: Subida do Cordão Encarnado da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, 2013.

Foto 10: Subida do Cordão Azul da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2013.

A prisão e a libertação da Contramestra, como nos mostra as figuras 11 e 12, é um momento emocionante, considerado o ápice do espetáculo, onde a Camponesa prende a Contra Mestra à mando da Linda Mestra, havendo libertação por meio da ajuda do Pastor:

Camponesa – (...) A Mestra mandou
eu aqui te procurar
com duras correntes
para em teus braços amarrar (...).

Contra Mestra – Estou presa, estou presa,
nessa dura prisão,
me sinto tão presa
até meu coração (...).

Se o pastor soubesse
que eu estava na prisão,
ele vinha arrancar
os laços de minhas mãos (...).

Pastor – Arranca dos braços
essas duras correntes,
não podes estar presa
pastorinha inocente (...).

Foto 11 –Prisão da Contra Mestra pela Camponesa. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Janeiro de 2015.

Figura 12: Libertação da Contra Mestra pelo Pastor. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Janeiro de 2015.

Quando está se aproximando o final da apresentação cultural, acontece o oferecimento de ramalhetes como nos mostram as figuras 13 e 14. Cada brincante convida com antecedência uma pessoa da comunidade para ser seu paraninfo (a), no momento da apresentação convida-a ao palco, lhe oferecendo um ramalhete de flores e, como de costume, recebe um envelope com uma quantia em dinheiro:

Boa noite meus senhores todos,
meu cordial boa noite senhoras também,
eu sou (nome do personagem)
que venho de muito além,
procurando (nome do paraninfo (a)),
para um ramalhete lhe oferecer,
êêêê, (senhor/senhora/jovem... nome do paraninfo (a)),
venha receber! (...).

Figura 13: Oferecimento de ramalhetes da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2014.

Figura 14: Oferecimento de ramalhetes da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2014.

Na despedida são feitos os agradecimentos e anúncio do cordão vitorioso, como nos mostra as figuras 15 e 16. Concluindo o espetáculo as pastorinhas e o Pastor se despedem do público: “Adeus, adeus, adeus Dona Inês adeus! (...) Obrigado aos senhores que subiram os cordões (bis). Adeus, adeus, adeus (...)”. Para concluir, é feito o anúncio do cordão que obteve maior arrecadação em dinheiro, sendo vencedor da brincadeira, comemora junto com sua torcida.

Foto 15: Despedida das pastorinhas. Lapinha como atração cultural no Novenário de Santa Inês e São Sebastião – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Janeiro de 2015.

Foto 16: Anuncio do cordão vencedor da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2014.

4.3 Lapinha do SCFV: Trabalho social e resgate cultural

Após um período sem apresentações, nos anos de 2013 e 2014 a Lapinha foi retomada, desta vez, composta pelos usuários do SCFV. As apresentações aconteceram no mês de Dezembro dos anos citados, sendo repetidas em Janeiro de 2014 e 2015. Este foi um resgate cultural apoiado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação e pela Prefeitura Municipal de Dona Inês/PB, com a idealização e organização dos profissionais do SCFV, um Programa Social que oferece aos seus usuários atividades de orientação social e oficinas artísticas, esportivas e culturais dentre suas atividades, tendo como público prioritário indivíduos em situação de risco e vulnerabilidade social.

O SCFV, por meio das oficinas de teatro, ministradas pelo autor deste trabalho, em sintonia com as demais oficinas ofertadas pelo Programa, realizou pesquisas junto à comunidade, momentos de motivação e conscientização quanto à importância do resgate e os ensaios, preparando o grupo para a realização das apresentações. (figura 17)

Figura 17: Cortejo da Lapinha pelas ruas de Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação de Dona Inês/PB, 2013.

As apresentações culminaram o projeto, estas aconteceram na Praça dos Trabalhadores, localizada no Centro da Cidade, no período natalino, e nas festividades do mês de Janeiro como atração cultural no tradicional Novenário dos Padroeiros, Santa Inês e São Sebastião. Tal ação fez renascer no povo o gosto

adormecido pela referida cultura, a prova disso foi a grande aceitação e participação intensa da comunidade.

Eu tive a honra de brincar Lapinha, fui o Pastor durante dois anos. Conheci essa cultura no Serviço de Convivência, foi lá que vimos a importância de não deixarmos a Lapinha morrer. Nas vezes em que apresentamos tivemos a presença de muitas pessoas ansiosas para ver o resgate. Sempre recebemos muitos elogios da população, fomos vistos como jovens comprometidos com as raízes da nossa gente, para mim isso é muito gratificante [...]. (José Roseno de Lima Neto, 21 anos).

Com o resgate da Lapinha nos anos citados, muitos jovens e crianças tiveram a oportunidade de conhecê-la de perto, não mais ouvindo apenas relatos saudosos das pessoas de mais idade, e sim, participando ativamente, assistindo, se encantando, torcendo, ganhando aptidão, conhecendo as origens de sua gente.

4.4 Cultura: Conhecer, valorizar e preservar

Hoje quase não se encontra grupos de Lapinha no Nordeste, assim, nos deparamos com um certo esquecimento ou mesmo desaparecimento dessa tão significativa cultura popular, e de tantas outras que têm sido adormecidas ao longo do tempo. Desse modo, reconhecemos que apenas a conservação e o resgate de tais patrimônios imateriais serão capazes de manterem vivos os costumes do nosso povo.

A Lapinha para mim é muito importante, pois é a dramatização do nascimento de Jesus. Eu brinquei muito nos anos 50, na minha época de mocinha. Eu era do cordão azul. Hoje as coisas estão muito diferentes, naquela época não tinha microfone, nem som, a roupa era feita de papel [...]. Não podemos deixar morrer a Lapinha, é uma diversão boa e bonita! (Terezinha Matias de Moraes, 72 anos).

Como foi dito anteriormente, muitas vezes a cultura fica adormecida, esse fenômeno geralmente ocorre pelo envelhecimento ou morte das pessoas ligadas a essas tradições, que em muitos casos se dedicam a repassarem tais costumes, como não há uma continuidade, uma propagação, ocorre conseqüentemente a falta de conhecimento por parte das novas gerações, que como nunca vivenciaram determinada tradição, logo não a valorizam.

De acordo com Claval (2007, p. 91): “A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a

transformam e a difundem.” Assim, todos somos responsáveis pela cultura, afinal ela é nossa, é fruto do trabalho, da religiosidade, da musicalidade, das artes, enfim, das habilidades desenvolvidas pelo ser humano enquanto ser social. As ações que incentivam o conhecimento, a valorização e a preservação, são sem dúvida louváveis, uma vez que fazem a população despertar e avivar seus próprios costumes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lapinha, que, de início, foi criada com o objetivo de dramatizar o acontecimento do nascimento de Cristo, como um auto de caráter religioso, foi obtendo mudanças significativas. A época mudou, as pessoas e o mundo, em si, mudaram. Atualmente, a Lapinha deixa de assumir como objetivo principal a catequese, enquadrando-se como apresentação, como meio de entretenimento, não abandonando, todavia, sua essência de expressão cultural e popular.

O folguedo da Lapinha permanece até os dias atuais na memória do povo donaiense, tendo seu resgate acontecido pela última vez na Cidade de Dona Inês/PB nos anos de 2013 e 2014, ainda com uma apresentação no início de 2015. Tais momentos significaram um reavivamento depois de um período sem apresentações. Esta experiência de retorno às raízes da comunidade, foi rica e extremamente participativa, superando as expectativas.

Mesmo sendo feito o trabalho de resgate, com pesquisas, momentos de conscientizações com a nova geração e apresentações, notamos que esta recuperação se deu de forma bem incipiente, uma vez que não houve continuidade do projeto.

Com o passar dos anos observamos alterações na forma de se comemorar datas significativas para a população, como é o caso do Natal. Como foi discutido nesta pesquisa, a data era celebrada num contexto familiar e comunitário, os laços de afetividade, fé e partilha davam espaço para vivências como a Lapinha, a Missa e a Ceia de Natal, momentos em que a simplicidade e a alegria se faziam presentes, pois era uma festa ligada às tradições do povo.

Na contemporaneidade, observamos que alguns elementos permanecem sendo continuados, dada a chegada do período natalino, a exemplo da Missa de Natal. Vemos também, outros sendo introduzidos, como é o caso das atuais festas

particulares em espaços fechados que têm acontecido no Ginásio Poliesportivo da Cidade, com bandas que desconstituem o sentido primeiro da data comemorada. Analisamos ainda que, alguns hábitos têm se tornado cada vez mais raros, a exemplo dos momentos de confraternização em família, ou ainda, têm deixado de acontecer, como se faz com a Lapinha.

Nos preocupa saber que uma manifestação tão rica e de uma enorme ligação com a história da nossa gente, tenha sido descontinuada, a ponto de não ser conhecida pela nova geração, correndo o risco de ser recordada, de forma cada vez mais rara, até chegar a deslembração, provocando a perda de um importante patrimônio imaterial.

Portanto, é extremamente relevante a adoção de medidas que visem a reativação dessa e de outras manifestações da nossa cultura. É preciso interesse, tanto da sociedade civil e da população em geral, como também do poder público, para se encontrar meios de facilitar a ampliação e divulgação da cultura de forma continuada, culminando com o fortalecimento da identidade local. Ações como projetos nas escolas, nos serviços socioeducativos, ou mesmo a criação de grupos folclóricos, seriam louváveis e têm caráter de urgência, antes que se percam as principais fontes de pesquisa que são os antigos brincantes e dirigentes, hoje em sua maioria idosos.

Uma sondagem mais aprofundada junto à comunidade, certamente, chegaria no que queremos evidenciar: A Lapinha tem grande aceitação popular, é entretenimento, é cultura, é lazer. Sem falar que, tendo-se uma visão ampliada, valorizando-se outras manifestações e práticas culturais, esse resgate poderia desencadear um festival cultural de abrangência regional, atraindo pessoas de diversas localidades, uma vez que esse tipo de manifestação tem se tornado cada vez mais rara, não só em Dona Inês/PB, mas em nível de Estado e pode-se afirmar, até de região.

Compreendemos que a Lapinha é uma herança cultural de nossos antepassados, elemento presente no espaço social, parte integrante do nosso povo. Entendemos também que, é preciso um olhar sensível às tradições populares, um olhar capaz de traçar metas para a preservação de nossa identidade cultural. Isso, com certeza, representaria um ganho para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Alana Simões. Lapinha: a dança como linguagem corporal no contexto religioso. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. 139 p. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa, 2013. 139 p.
- BEZERRA, Alana Simões; LEMOS, Fernanda. Gênero na lapinha: uma dança de tradição religiosa. V. 19. Mandrágora: 2013. p. 63- 73. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v19n19p63-73>>. Acesso em: 22. Set. 2015.
- BÍBLIA. N. T. Lucas. In: BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. p. 1249-1289.
- BRITO. Bruno Dantas Muniz de. As manifestações culturais e sua relação com o turismo na grande João Pessoa. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004. 164 p.
- CARVALHO, Alex et al. Aprendendo Metodologia Científica: Uma orientação para alunos de graduação. São Paulo: O Nome da Rosa, 2000. 128 p.
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. 3ª Edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 224 p.
- Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 20. Set. 2015.
- Geógrafos.com.br. Dona Inês-PB, Coordenadas Geográficas. Disponível em: <<http://www.geografos.com.br/cidades-paraiba/dona-ines.php>>. Acesso em: 15 de Abril de 2017.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto; GIL, Ana Helena Corrêa. Identidade religiosa e territorialidade do sagrado: Notas para uma teoria do fato religioso. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 39-55.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 170-187.
- IBGE Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250570&lang>>. Acesso em: 25 de Abril de 2017.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: Nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 177-199.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 231-247.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. 320 p.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.

ANEXOS

Anexo 01 – Entrevista estruturada



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Pesquisa: A Lapinha como Folgado Popular em Dona Inês/PB - Um Olhar Geográfico Cultural.

Pesquisador: Edson Felipe Pereira da Silva.

Professora Orientadora: Maria Aletheia Stedille Belizário.

Questionário sobre o Folgado Popular Lapinha

Nome: _____ Idade: _____

Apreciador () Brincante () Dirigente de Grupo de Lapinha ()

1. Para você o que é a Lapinha e o que ela representa (significado)?
2. Você tem conhecimento de como e quando essa manifestação cultural chegou a nossa Cidade (Dona Inês/PB)?
3. Em que ano(s) você brincou, assistiu ou coordenou a Lapinha? Se brincou, qual era seu personagem?
4. Onde se davam as apresentações e em que período do ano?
5. Havia ornamentação no local da apresentação? As vestimentas eram simples ou sofisticadas? Havia aparatos como som e microfone?
6. As canções eram entoadas ao vivo ou por meio de gravações? Se ao vivo, que tipo de instrumentos eram utilizados?
7. Na sua concepção a opção de torcer por um dos cordões (azul ou encarnado) tinha alguma relação com a política da Cidade?
8. Quais as pessoas escolhidas para serem paraninfos(as)? Havia preferência pelos mais favorecidos economicamente?
9. Ao término da apresentação que destino era dado ao dinheiro lucrado?
10. Você tem conhecimento do resgate da Lapinha promovido pelo SCFV (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos) em anos passados? Se sim, quais as diferenças da Lapinha de hoje comparada com a de antigamente?
11. Você conhece o Pastoril? Se sim, quais as principais diferenças entre Pastoril e Lapinha?
12. Acredita que a Lapinha tem importância na cultura local? O que deve ser feito para que sua preservação aconteça?

Anexos 02, 03, 04, 05, 06 e 07

Anexo 02: Apresentação das pastorinhas da Lapinha. Igreja Mãe – Dona Inês/PB.



Fonte: Arquivo pessoal de Caliny Muniz de Lima Silva, [2003].

Anexo 03: População aguardando o início da apresentação da Lapinha. Praça dos Trabalhadores – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2013.

Anexo 04: Algumas personagens da Lapinha.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2013.

Anexo 05: Componentes da Lapinha do SCFV – Dona Inês/PB.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Dezembro de 2013.

Anexo 06: Grupo musical do SCFV, musicalizando o Espetáculo da Lapinha.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Janeiro de 2015.

Anexo 07: Oficineiro do SCFV apresentando o histórico da Lapinha.



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, Janeiro de 2015.